25 de Janeiro de 1920

ANNO IV — N.º 172

ASSIGNATURAS

Pagamento adeantado

Portugal e Hespanha, anno 2$000; semestre, 1$00; Colonias portuguezas, 2$500 ou 2$000 pagos em Aveiro. Extrangeiro, excepluando Hespanha, 3$000 reis.

Numero avulso 40 reis

Redacção e administração

Praça Luiz Cypriano—Aveiro

O DE AVEIRO

SEMANARIO INDEPENDENTE

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

Publicações

No corpo do jornal 300 rs. a linha. Pagina de annuncios 200 rs. a linha. A linha é contada em columna de annuncio.

Composto e impresso na TYPOGRAPHIA NACIONAL (a vapor), R. dos Santos Martyres, — AVEIRO.

Publica-se aos domingos

Educação Nacional

Joseph-Barthélemy, ao concluir o seu bello livro «O Problema da Competencia na Democracia» *(Le Problème de la Compétence dans la Démocratie)*, cita, tiradas da obra *Le Roman Russe*, estas palavras de Melchior de Vogué:

Já se dizia, ha sessenta annos, que a democracia era uma corrente a trasbordar. Hoje o rio tornou-se mar, e um mar que sobe em toda a superficie da Europa. Aqui e alli inda se veem ilhotes que parecem preservados, farrapos de constituições feudaes, restos de castas privilegiadas. Mas os espiritos penetrantes veem bem que o mar sobe n'esses proprios thronos, n'essas proprias castas.

Melchior de Vogué, o visconde Melchior de Vogué, não podia, pela sua origem aristocratica, ser suspeito. E dizia isto ha trinta e quatro annos. *Le Roman russe*, que tanto contribuiu para propagar o mysticismo de Dortoïewski e Tolstoï, appareceu em 1886.

Joseph-Barthélemy accrescenta:

Em todos os pontos do mundo as velhas autocracias se desmoronam, minadas na base pela onda democratica. Na China, na Turquia, na Russia. Até monarchias temperadas se abatem deante da republica, como em Portugal. Uma attracção profunda, irresistivel, poderosa, mysteriosa, e fatal como uma força da natureza, arrasta para a democracia os povos. Que estão resolvidos a governar-se a si proprios. Inutil dizer-lhes que vão commetter faltas, imprudencias, loucuras. Elles assumem, e querem assumir, a responsabilidade. Tem cada um a liberdade de criticar o movimento democratico. Mas não esquecer que é uma obra tão inutil como criticar o curso das estações ou as leis de attracção dos astros.

Este é o facto. E facto incontestavel.

Muito ha que dizer em defesa da democracia. Eu já disse alguma coisa, em successivos artigos, n'uma das series das *Cartas de Longe*, ainda não colligidas em volume, que em tempos aqui foram publicadas. Mas ainda poderia escrever um volume só a completa-los. Não faltam argumentos para confundir os seus adversarios. Por agora, todavia, e attendendo a que não me posso alongar muito n'um unico ponto, tanto são os que tenho a tratar, basta registar e accentuar esta circumstancia de valor decisivo e capital: boa ou má, a democracia impõe-se. E' inevitavel. E, sendo assim, é gastar esforços, é perder tempo, é accumular perigos combate-la ou mesmo contraria-la. O que manda o bom senso é que se acceite *sem reservas*, como diz Mauricio Bourguin, — vimo-lo no artigo anterior, — e que se faça dentro d'ella e para ella a grande obra da educação nacional.

Diz mais Joseph-Barthélemy:

N'estas condições, e não deixando de dispensar o respeito que é devido á sentimental fidelidade ás recordações saudosas do passado, pode-se ousadamente proclamar que o dever de todos é não ficar obstinadamente d'olhos fixos n'um passado que não volta, que jamais voltará, mas sim fixa-los no futuro e collaborar do fundo d'alma com a democracia, afudando-a a desenvolver as suas forças generosas e a comparar os perigos que de todos os lados a ameaçam.

Os reaccionarios n'isso são estupidos. E são estupidos porque não vêem que da maneira por que a corrente está formada não é possivel dete-la, quanto mais faze-la retrogradar. A corrente é-lhes *inteiramente desfavoravel*. Donde virá, então, o grande perigo? De que ella se precipite, como se precipitou na Russia, arrasando tudo na sua passagem. E precipitar-se-ha tanto mais e tanto mais depressa quanto maiores e mais fortes forem os embaraços levantados á democracia pelos reaccionarios. Enfraquecer a democracia, no actual momento historico, é provocar e soltar o maior e mais terrivel dos perigos sociaes.

Dois são os inimigos, os grandes, os maiores inimigos da democracia: o chamado nacionalismo integral e o chamado syndicalismo revolucionario. Ora dizem o passado e o presente que nem no passado nem no presente as classes superiores, donde o integralismo quer tirar as suas elites dirigentes, foram ou são melhores do que as classes em que se apoiam os regimens democraticos. No passado, como faz notar Mauricio Bourguin, o que já vimos no artigo anterior, o affrontoso orgulho de raça, o affrontoso espirito de casta, a terrivel violencia das paixões egoistas nos detentores do poder absoluto, o espirito de intriga, os favores iniquos, a corrupção tremenda, os favoritismos palacianos. No presente, a corrupção da alta burguezia, o seu espantoso egoismo, o seu luxo desenfreado, a sua vil materialidade. Que não são melhores garantias nem da competencia nem da virtude que para o governo das élites pretendem os reaccionarios.

Guy-Grand, que escreveu três livros muito bem feitos em defesa da democracia, como reconhecem os seus proprios adversarios, «A Philosophia Syndicalista» *(La Philosophie Syndicaliste)*, «A Philosophia Nacionalista» *(La Philosophie Nationaliste)*, e «O Processo da Democracia» *(Le Procès de la Démocratie)*, faz notar no primeiro d'esses volumes que o nacionalismo e o syndicalismo, *doutrinas irreductivelmente oppostas e com tantos pontos de semelhança*, assentam sobre dois absolutos, o absoluto nação para o primeiro e o absoluto classe para o segundo. Ora os absolutos sociaes são falsos, mesquinhos, estreitos, quando não sejam absurdos. Se nós temos, observa Guy-Grand, deveres para com a patria, tambem temos deveres com a justiça. Devemos agruparnos em volta de um centro, a nação, que mergulha as suas raizes nas profundezas emocionantes do passado e nos faz envolver n'um fraternal amor todos aquelles que, seja qual for a sua condição, participam na terra dos avós da mesma herança, falam a mesma lingua, veem os mesmos horizontes, veneram as mesmas tradições, pensam e querem como nós. Mas tambem devemos estender esse pensamento e esse amor áquelles que, sobre a vasta terra, quaesquer que sejam as suas origens, as suas tradições, a sua historia, n'uma palavra, a sua nacionalidade, teem a mesma condição social, trabalham como nós, pensam e querem como nós, e, portanto, n'um certo sentido são ainda nossos irmãos. Assim se exprime Guy-Grand. E continua:

Não podemos rejeitar nenhum d'estes dois deveres. Temos que os acceitar a ambos, conjugando-os. Se nas horas de crise, a necessidade nos obriga a agrupar para defesa da terra em que nascemos, é preciso dizer bem alto na vida normal que o patriotismo só apoiado na justiça é que é forte.

Integralismo e syndicalismo attribuem ás classes sociaes em que põem as suas esperanças, e que são, para o integralismo as classes dirigentes, para o syndicalismo o proletariado, todas as virtudes, reaes ou virtuaes. Mas, objecta Guy-Grand e muito bem, as virtudes necessarias para fazer viver as instituições não são, não podem ser, monopolio de nenhuma classe. Não são, não podem ser virtudes de classes, mas **virtudes humanas** tão sómente.

E accrescenta que é tão insensato pretender, como pretende o sr. Bourget, um dos mais qualificados representantes do integralismo, que só as classes dirigentes são capazes de possuir competencia e virtudes, como pretender com o sr. Sorel, fundador do syndicalismo de que por fim apostatou, que para o proletariado, de um jacto, as obter, á competencia e ás virtudes, basta bater-se, de bombas na mão ou espingarda. Correr a chicote os oradores da democracia, conclue, como recommenda Sorel nas «Reflexões sobre a Violencia» *(Réflexions sur la Violence)* não é mais efficaz do que pegar n'uma barra de ferro e partir a cabeça aos grevistas, como se diz na «Barricada» *(Barricade)*.

Integralismo e syndicalismo, continua dizendo Guy-Grand, dão uma importancia exaggerada, quer ao poder da tradição do passado, quer ao poder da transformação do presente e de um futuro improvavel. Quando a verdade está no equilibrio entre o presente, o futuro e o passado. Em resposta ao integralismo, devemos insistir na importancia primordial do presente, que pode, com as suas descobertas technicas, alterar tudo n'um instante. Que pode fazer surgir novos modos de trabalho, e com elles novos sentimentos, novas reivindicações collectivas, perante os quaes são impotentes as tradições. Tarde disse que o *futuro juridico depende das novas invenções*. Ora nem só quanto ao futuro juridico isso é verdade. N'esse sentido, a evolução rectilinea é um disparate. Não tem que ser feita em linha recta, mas em linha quebrada. Pois que sendo as invenções imprevistas, de repente podem voltar de baixo para cima todo um systema social. Em resposta ao syndicalismo, devemos objectar que se as invenções ou as grandes transformações accidentaes podem arrasar um systema de instituições, as sobrevivencias historicas subsistem e certos sentimentos, velhos como a humanidade, perduram, anteriores a toda a forma de producção. Não são sentimentos *á priori*; não formam a armadura d'uma razão eterna, abstracta, de origem theologica. São o residuo da experiencia historica, o cimento das gerações.

A herança que o socialismo receberá do capitalismo será muito mais larga do que pensa o sr. Sorel. Não será só a materia do mundo novo, a utensilagem industrial, com os costumes e a disciplina que d'ahi derivam. Não haverá somente continuidade technica. *Uma multidão de sentimentos e de idéas subsistirão, transformados pela sensibilidade das novas gerações, á scisão operada pela pratica do trabalho associado ao trabalho assalariado na grande industria.*

Não ha, na ordem sentimental, mutações, revoluções bruscas, virtudes novissimas, creações absolutas. As necessidades do presente fundem-se em velhos moldes, e é lentamente que esses moldes se quebram e se substituem por outros.

Mas isto é longo. Por mais que se queira restringir, inda é grande e muito o que se torna preciso dizer n'uma synthese clara, que o grande publico assimile e comprehenda.

A pratica das democracias é difficil, e d'ahi é que veem os embaraços. E por isso é que a obra da educação publica se impõe como condição *sine qua non*, impreterivel, imperiosa, indispensavel. A pratica da democracia exige uma grande preparação intellectual e moral, sem a qual o systema não pode caminhar.

O primeiro dever da democracia, diz Joseph-Barthélemy, *é comprehender que se deve submetter á direcção dos mais capazes*. Mas esse dever, continua dizendo, esbarra n'uma concepção erronea d'essa idéa de egualdade, **muito mais enraizada nas almas que a idéa de liberdade.** Como se hão de submetter, se todos se julgam **pelo menos** eguaes? Pelo menos! A verdadeira tendencia é julgarem-se todos superiores uns aos outros. Mas, repetimos, **pelo menos eguaes.** Eguaes em intelligencia, em competencia e em caracter.

O principio da verdadeira democracia, diz Bergson, é a *communidade de obediencia, livremente consentida, a uma superioridade de virtude e de talento.* «Como recrutar, como constituir, em classe dirigente, e em conselho de governo, com necessidade constante de ser renovada, essa nova aristocracia do talento, da competencia e, sobretudo, do caracter? Eis em que consiste todo o problema da organização democratica». Que é bem difficil, commenta Joseph-Barthélemy, de resolver.

Escreve Guy-Grand:

O grande obstaculo está na propria estructura da sociedade moderna. E mais ainda na natureza humana. Não o dissimulemos: a organização aristocratica ou monarchica, o regimen das castas, a separação cuidadosamente estabelecida entre as funcções do Estado, reservadas exclusivamente para uma élite, e as funções privadas, magnanimamente, com o unico fim de enriquecerem, abandonadas a toda a massa, é muito mais facil, muito mais seductor, muito mais proprio para animar a natural inercia das multidões do que um regimen democratico, que pede a todos, alem do trabalho profissional já imbuido de dignidade, o sentimento do interesse geral, o cuidado de pensar nas coisas publicas e de exercer fiscalização sobre os representantes do povo e os funccionarios.

Assim é. Mas sendo assim, e não admittindo, por outro lado, as sociedades modernas senão o regimen democratico, ou nos preparamos fortemente para a pratica da democracia, e a encaramos de frente e a sério, comprehendendo-a, ou viveremos uma vida continua de decepções e de desastres.

Homem Christo.

Explicação Necessaria

O sr. Homem Christo foi nomeado em Junho passado presidente da commissão de inquerito ás industrias e ao commercio do paiz. Decorrido um mês, cahiu o ministerio, e o novo ministro, *como é da praxe*, teve outra idéa. Dissolveu a commissão, encarregando o sr. Homem Christo de formular um plano e proposta que servisse de base a *outro inquerito*. Quizemos pedir immediatamente a demissão, e esse intento communicámos ao ministro no seu proprio gabinete. Mas alguem instou comnosco para que o não fizessemos. Cedemos, embora a experiencia esteja farta de nos dizer que só erramos *quando cedemos*. Regressando, porem, a Aveiro, d'aqui escrevemos, pouco depois, ao ministro, pedindo a demissão. O ministro, em carta que conservamos, escripta e assignada pelo seu punho, respondeu-nos amavelmente a dizer-nos que esperava que desistissemos d'esse proposito. D'ahi a quinze dias de novo lhe escrevemos instando pela demissão. O ministro nem nos respondeu a essa carta, nem nos demittiu. Indo nós a Lisboa, em fins de outubro, e falando com o ministro, promettemos-lhe, vista a sua relutancia a dar-nos a demissão, escrever o relatorio, dando por findo, com elle, o nosso encargo. Effectivamente estava o relatorio prompto, que é muito longo, e nos deu muito trabalho, e nós disposto a leva-lo pessoalmente a Lisboa para fazer entrega ao ministro, tornando este, por intermedio de terceira pessoa, conhecedor d'este facto, quando surgiu a *era das crises ministeriaes*. Esperámos. Reconstituido o gabinete Sá Cardoso, dissémos a nós proprio, é para Lisboa: "E' agora. Lá vamos,. Mas chega logo a seguir a noticia da queda do ministerio democratico. A seguir a noticia do ministerio Fernandes Costa com o celebrão Jorge Nunes no Commercio. Nem directa nem indirectamente, nem mesmo para pedir a demissão, communicariamos com tal homem! E' expulso, pela indignação popular, o ministerio Fernandes Costa, e, portanto, o Jorge Nunes, do Commercio. Mas eis restaurada, no mesmo posto, a creatura. Logo . . . o dicto, dicto. Nem para pedir a demissão, sequer, nos dirigimos a tal homem!

Fica o publico informado, e é quanto basta. A nós proprio nos demittimos, demissão pela qual temos sempre instado, aliás. Antes d'ella apparecer no *Diario do Governo*, aqui a lavrâmos nós.

Quanto ao relatorio, que não chega a ser um documento official, porque prompto a entrega-lo a outro ministro, em caso nenhum o entregariamos a tal homem, no proximo domingo começaremos a publica-lo n'este periodico. Não se diga que uma coisa é o ministro e outra é o homem. Essa distincção, para este caso, é illogica. Se moralmente nos repugna o homem, moralmente nos repugna o ministro, e tanto mais que consideramos mais do que uma indignidade, mais do que uma traição, uma baixa infamia, a nomeação de tal homem para tal encargo.

De resto, nada se perdeu. O relatorio ficaria sepultado, ou perdido, como tudo, nas repartições do ministerio. E, assim, fica-o conhecendo muita gente em Portugal.

Essa publicidade, que redunda em propaganda, augmenta-lhe o valor.

Ficará valendo cem, se em absoluto valia dez.

Alberto Souto

ADVOGADO

AVEIRO

"O DE AVEIRO,,

Vende-se em Agueda — Borralha, em casa do sr. José Alves de Oliveira.

Fatal Dilemma

A revolução é fatal. Ninguem é capaz de a impedir. E ou a fazem os republicanos, ou a fazem os bolchevistas.

Um dos auctores illustres que hoje citamos em artigo de fundo, que é professor de direito na Universidade de Paris, que entre os seus livros numerosos tem seis premiados pela Academia das Sciencias, diz, no seu livro tambem hoje citado no mesmo artigo, "O Problema da Competencia na Democracia» *(Le Problème de la Compétence dans la Democracie)*, livro que não é mais nem menos do que a collecção das licções dadas pelo auctor durante o anno de 1916-1917 na Escola de Altos Estudos:

Creio, como Carlyle, que a historia do mundo não é no fundo senão a historia do que teem feito os grandes homens. A historia não se faz sem povo, como se não faz a guerra em exercitos. Mas povos e exercitos desconhecem as victorias, tanto nos campos da batalha como nas grandes scenas onde se jogam os destinos do mundo, emquanto não acham grandes chefes para os conduzir.

Já não ha na ordem social e politica, como na ordem natural, gerações espontaneas. Pode-se dizer de toda a obra humana o que disse Charles Gide das organizações economicas: todas teem uma iniciativa individual por ponto de partida ou por motor. Todas as transformações sociaes teem por origem o pensamento de um innovador de influencia. . . . . Se a democracia aspira a tornar-se um organismo vivo precisa de cabeça. Tem que confiar a chefes capazes os seus destinos.

Isso disse-o eu, antes do 5 de outubro, tantas vezes como de estrellas tem o céo. Essa foi a minha *teima* desde a fundação do *Povo de Aveiro*, em 1882. Sempre pugnei pela entrega a *chefes capazes*, a chefes dignos d'esse nome, dos destinos da democracia portuguêsa. Sempre disse que o partido republicano caminhava para um desastre, um tremendo desastre, entregue, como estava, a homens sem intelligencia e sem caracter.

Foi isso que me valeu a perseguição e o odio feroz dos republicanos. Sem excepção. Não encontrei do meu lado, a partir de 1907, **um só**, d'entre elles. Odio negro, perseguição tremenda. Porque eu esborrachava os imbecis, os crapulosos, os charlatães e os tratantes. Porque eu dizia bem alto, repetindo o grito intenso da minha intelligencia e da minha consciencia, o que, bem alto, nas mesmas circumstancias diria ainda hoje. Isto é, **que não valia a pena derribar a monarchia para surgir uma republica peor do que ella.**

A minha questão era n'esse tempo o que é hoje. O que eu advogava com rara tenacidade e energia era a obra de moralização dos costumes. O que eu sustentava era a necessidade do partido republicano deixar de ser, como estava sendo, **uma nova e grande quadrilha.**

Assim, que vinha cá fazer?

Tantas vezes formulei esta pergunta!

Vinha imitar as quadrilhas monarchicas, vinha seguir o seu exemplo, vinha refinar de infamia, e de infamia refinava apregoando moralidade e justiça para dar um espectaculo hediondo de hipocrisia e vicio, ou vinha servir a patria e os principios?

A republica, proclamada por um partido dirigido por tal gente, seria um desastre nacional e um grande descredito para a democracia. Tantas vezes eu disse isto!

Mais valia esperar, continuava. De vagar, que tenho pressa. Façam a selecção, moralizem-se, eduquem-se, e dêem o assalto em seguida. Farão obra nacional e democratica. E assim não farão obra nenhuma. Tantas vezes, tantas, tantas, eu disse isto!

O partido republicano atraiçoava a sua missão, clamava, desprezando a obra da educação publica. O paiz não tem consciencia democratica, o paiz não está preparado para a republica. Vae-se construir sem alicerces um edificio social que tombará ao menor sopro. Mil vezes, entre um ulular de feras que me queriam devorar, escrevi isto!

Se sobre tal assumpto cito auctoridades extrangeiras é porque isso, para fins de propaganda, é *de effeito*. Mas não que me tragam novidade nenhuma. Sem saber o que elles escreviam e muito antes, até, d'elles, em geral, o escreverem, o escrevia eu n'esta gazeta. Na mesmissima ordem de ideias, e até nos mesmos termos, muitas vezes.

Era fatal. Só uma besta o não via. Era fatal este *regabofe*, esta bacchanal immunda, esta suja orgia de rameiras de pataco, com os pulhas, homens sem honra e sem vergonha, que o partido republicano trazia á sua frente desde os tempos do regimen monarchico. Os que não eram pulhas activos, eram-n'o passivos. Os que não o eram por acção directa, eram-n'o por acção reflexa ou indirecta. Os que não eram auctores, eram cumplices. De qualquer forma, *pulhas todos*.

E imbecis?

As tremendas derrotas no governo contam-se sempre por brilhantes victorias nas ruas. Essa é a prova provada de que o povo português morre por uma plethora d'asnos nas camadas superiores, por uma indigestão d'imbecis a dirigi-lo, e não por falta de qualidades intrinsecas de virilidade e energia. Os partidos republicanos só sabem fazer revoluções. Porque essas fa-las o povo. Mas a cada victoria popular corresponde acto continuo um tremendo desastre no parlamento e no governo. As victorias populares servem apenas para pôr em relevo, da parte dos *meneurs*, dos dirigentes, a mais espantosa inepcia, a incapacidade intellectual e moral mais horrorosa.

Onde o povo apparece o exito é seguro. Retira-se o povo e a queda é tremenda.

A infelicidade do povo português, d'esta patria inditosa, é nunca encontrar *chefes capazes*, homens que lhe saibam aproveitar as admiraveis qualidades com que o dotou o natureza. Resignado, soffredor, affectuoso, valente, energico, e cheio de boas intenções. Tão digno de melhor sorte! Tão susceptivel de progresso e triumpho! E tão lançado ao desprezo!

Mas fixemos esta verdade: a cada victoria das ruas corresponde, no governo, o mais tremendo fiasco. Assim foi pelo 5 de Outubro, assim foi no 14 de Maio, assim foi após a derrota dos monarchicos em Monsanto e no Porto. E outra coisa interessante, é que os chefes crescem na imbecilidade ao mesmo tempo que o povo cresce em valor e energia. A revolução do 14 de Maio sahiu melhor que a do 5 de Outubro. Mais brilhante ainda a lucta contra os revoltosos de Monsanto e do Porto. Mas os chefes... peores no 14 de Maio, a governar, e peores ultimamente. Não fizeram senão asneiras após o 5 de Outubro. Mas maiores asneiras fizeram após o 14 de Maio. E após o revolução de Monsanto... foi um diluvio.

Sempre descendo. Agora mesmo, na maneira por que foi provocada a crise ministerial e na maneira por que se resolveu. Um amigo escrevia-me esta semana a contar o *motivo real* que levou o sr. Sá Cardoso a abandonar o governo. Segundo esse amigo, o sr. Sá Cardoso não se foi embora por causa dos *insultos* com que a camara dos deputados o recebeu. Sabe o sr. Sá Cardoso, escrevia o meu amigo, que não pode por motivos tão superficiaes abandonar o governo um homem publico. Nem a sua epiderme é delicada a esse ponto. O que levou o sr. Sá Cardoso a tomar esse caminho foi saber que não havia maneira de fazer votar na camara nenhum projecto importante. Não lh'os deixavam passar e ainda por cima accusavam o governo de abandonar as questões publicas.

A concordar com isto, leio na *Manhã*, que outro amigo me envia, um artigo a informar que havia uma conspiração tramada entre populares, socialistas e democraticos da facção Antonio Maria da Silva, para derribar o governo. Deprehende-se então que o sr. Sá Cardoso, para desfazer a conspirata, metteu o sr. Antonio Maria da Silva no governo. Mas os outros, suppondo-se atraiçoados, entraram em furia terrivel, e o sr. Sá Cardoso viu que o que tinha feito por um lado se desfazia pelo outro.

Uma grande miseria. Na situação affliitiva em que se encontra o paiz, só pensam em ser ministros, **todos elles**, e gastam o tempo nas mais baixas e vis intrigas. Sem abnegação, sem espirito de

sacrificio, sem nenhum sentimento e sem nenhuma intelligencia. Porque é preciso ser estupido, acima de tudo estupido, para submetter tudo a taes vilezas.

Cae o ministerio Sá Cardoso, e, depois de uma crise arrastada, vae-se parar de novo... ao Batatinha. *Sempre descendo*! O sr. Domingos Pereira é o homem *das agonias*. Da outra vez a crise arrastou-se, como agora, muitos dias. Por fim, certos elemento cionarios impuzeram-se: ou o ga e se constituia em certa noite, ou elles, revolucionarios, o constituiam. Foi Troia. Agarrou-se no primeiro que appareceu e fez-se *presidente do conselho*. Esse primeiro foi o Batatinha. Por seu turno o Batatinha agarrou-os, a correr, por aqui, e por alli, os que topava no caminho. E d'esse ministerio *feito á pressa* sahiu a maior crapula, o maior esbanjamento, os maiores roubos, as maiores vergonhas, as maiores baixezas e infamias do regimen. Foi o governo das *ladroeiras sociaes*, em que as medidas do ministerio do Trabalho, intrinsicamente boas, mas inopportunas por varios motivos, só tiveram um fim real: *pôr á mesa do orçamento*, escandalosamente pagos, n'uma crise angustiosa do thesoiro, innumeros bandalhos. Foi o governo da reforma do ministerio das Subsistencias, outra crapula, **outro roubo**, que o nome é este, outra infamia sem nome. Foi o governo do Parque Eduardo VII. Foi o governo dos *negocios escuros* do ministerio das Finanças. Emfim, foi o governo que desde D. Affonso Henriques bateu o *record* da pouca vergonha, do crime e da crapula.

Attribuindo-se em parte tanto escandalo, tanta baixeza, tanta falta de pudor *ás concentrações partidarias*, que não passam de *colligações de malandros para pôr os malandros* n'esta pobre terra, **mais á vontade**, assentou-se em que os ministerios passassem de futuro a ser *partidarios*, a ver se com as responsabilidades assim delimitados e restrictas diminuiam os abusos. Effectivamente diminuiram. O ministerio Sá Cardoso, com todos os seus males, foi o menos escandaloso d'elles todos. Mas, talvez por isso, e na marcha fatal em que vamos para o abysmo, descendo sempre, voltou-se á *primitiva*. Eis-nos de novo... em *plena concentração*, sob a batuta... do Batatinha, já agora, uma summidade nacional.

A revolução é inevitavel. Ou uma revolução republicana que nos salve, ou a revolução bolchevista, que tanto vem ameaçando, a que tudo isto **está dando força**, cada vez **mais força**, que difinitivamente nos liquide.

Victima do Dever

Subscripção aberta para um monumento funebre que, no cemiterio de Frossos, perpetue a memoria do soldado n.º 688 da 6.ª companhia de infantaria 24, José Estevão Rebello, que foi o primeiro a cahir morto nas linhas do Vouga, em defesa da Republica, quando os miseraveis traidores do Porto, traidores á sua patria e ao regimen, atacaram esta cidade.

Transporte.....	108:100
José Pereira de Sousa (carta abaixo publicada.....	1:500
Manuel de Oliveira (Aveiro).....	500
Manuel Homem de Carvalho Christo (Aveiro).....	2:000
José Marinho Rocha (Porto).....	1:500
Anonymo.....	1:500
João Rodrigues Correia (Valmaior, Albergaria-a-Velha).....	1:000
Reis Junior (Aveiro).....	1:000
Luiz Antonio da Fonseca e Silva (Aveiro).....	1:000
Reinaldo Torres (Aveiro).....	1:000
João Calado da Fonseca (Aveiro)..	1:000
Somma.....	120:100

Torre de D. Chama, 15 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Como republicano e natural do distrito de Aveiro, tenho o maximo prazer em ver a favor do monumento de Frossos e par... atriotico e nobre fim envio a quantia de 1$50. L... -me V. Ex.ª dizer-lhe que se ha mais tempo não atendi o seu apelo foi pelo facto de ter estado doente e não por outro qualquer motivo, pois já ha muito tinha tomado a resolução de concorrer com o meu insignificante obulo.

Creia V. Ex.ª na grande admiração e no elevado respeito do que se subscreve

Amigo muito sincero,
José Pereira de Sousa.
(Assinante n.º 927-50)

* * *

Frossos, 13—1—920.

Ex.mo Sr. dr. Alberto Ruela

A Junta de Paroquia desta freguesia, tomando em consideração a carta de V. Ex.ª de 2 do corrente, deliberou em sessão oferecer gratuitamente o terreno á digna Comissão que se lembrou imortalizar o nome desse bravo que lutou em defesa da Patria. V. Ex.ª poderá contar com todo o auxilio que a Junta de minha presidencia puder prestar.

De V. Ex.ª
At. Ven. e Obrg.
José Gonçalves de Pinho.

E' muito de applaudir a decisão da Junta Parochial de Frossos.

Cadeia Nacional de Coimbra

Teem-se recebido aqui alguns communicados sobre a Cadeia Nacional de Coimbra que não se publicam *nem se publicarão*, por serem anonymos. Tudo que vier anonymo, seja de onde for e para o que for, **não se publica**. A primeira condição de publicidade é *nós conhecermos os signatarios*, embora lhes occultemos os nomes muitas vezes para lhes poupar dissabores. Mas perante nós *tomam a responsabilidade* e compromettem-se a dizer **só a verdade.**

Liga de Educação Nacional

Já n'outro dia observámos que a *Liga de Educação Nacional* não é, **de forma** na, só para intellectuaes. **De** fo **nenhuma**, tornamos a affirmar. Todos podem, e **devem**, fazer parte, ser socios, ser membros, da *Liga de Educação Nacional*. Todos teem n'ella o seu papel. Todos teem n'ella a sua missão. Que não é menos nobre, nem menos elevada no mais humilde filho do povo do que no mais categorizado intellectual. Não se educa somente por meio da tribuna, da escola, do livro, do jornal e do theatro. Educa-se muitissimo por meio da conversa familiar, da conversa entre conhecidos e amigos, passeando, á banca de um café, gosando o fresco e a vista da paisagem, n'um jardim, n'um intervallo do theatro, nas praias, nas thermas, nas officinas, em toda a parte onde os homens se encontram e se reunem e por todas as formas que os homens teem d'entre si communicar. Não se educa só falando e escrevendo. Educa-se muitissimo pela acção e muito e muito e muito pelo exemplo.

Assim fica comprehendido, creio eu, que todos podem ser uteis e *d'egual valor* dentro da *Liga de Educação Nacional*. Não deem um sentido improprio á palavra *educação*. O homem a educar-se instrue-se sempre. Por este lado se diz, e muito bem, que não ha educação sem instrucção, e que a instrução é um instrumento necessario e forçado da educação. Quem disser o contrario, seja elle um dos sabios da Grecia, sustenta um disparate. Mas nem toda a instrucção conduz a uma perfeita e boa educação. Ora eis o caso. O busilis para esses burros que, não sabendo raciocionar, que, não tendo senão teias de aranha na cachimonia, embora sejam *burros doutores*, e alguns com falsa reputação de *sabios*, andam apregoando pelo mundo que a instrucção não tem nada com a educação e que em nada influe para a boa educação. Sem duvida, quando a instrucção se limita a ensinar a matar e a roubar, a atraiçoar e a cuspir o nosso similhante. Mas nem é esse o caracter geral da instrucção, nem a sua finalidade. Esse é apenas um *falso desvio* da instrucção.

Mas ha outra coisa, de que tambem se esquecem os *sabios* de reputação falsa e os *burros doutores*. E' que nem só pelos livros e escolas se ministra a *funesta instrucção*. Quando esses sabios de reputação falsa e esses burros doutores contestam o valor educativo da instrucção, referem-se á que se ministra nos livros e nas escolas. Pois acabem ámanhã com todos os livros e com todas as escolas, e veremos se o mal não continua *a ser ensinado*. Não consta que a serpente, que enganou Eva, usasse capello, nem que a Eva, que enganou o marido, houvesse frequentado a Universidade. Nem que o malandrão do Caim fosse bacharel formado. Se os burros doutores e os *sabios* de reputação falsa, quer nacionaes quer extrangeiros, que andam pelo mundo a dizer sandices, e ainda por cima venerados fossem... *áquella parte*, é que elles campavam!

Fiquemos, pois, n'isto; o homem a educar-se instrue-se sempre. Mas nem sempre, instruindo-se, chega a uma educação perfeita. Como fiquemos n'este outro ponto: nem só as escolas e nem só os livros instruem. O analphabeto por ser analphabeto não deixa de se instruir desde que nasce até que morre. O que ...instrucção é, é muito mais restricta, li... limitada. Nem por ser analphabeto deixa de ser susceptivel de se instruir, como o letrado, na santidade e no crime, no bem e no mal. Logo, sob esse ponto de vista cultos e incultos estão na mesma situação, com a simples differença de grau. E como nem o culto nem o inculto, sendo *malandros provados*, entram na *Liga de Educação Nacional*, vindo a ser expulso todo aquelle que tiver entrado pela malha, cultos e incultos podem ser dentro da Liga, cada um na sua esphera, admiraveis elementos de educação publica, e, portanto, de regeneração nacional.

Nunca se pensou em formar a Liga só com intellectuaes. Porque, d'essa forma, faltar-lhe-hia, para a sua grande obra, a força necessaria. A força da acção, que completa a força da idéa. A força do numero, que completa a força da qualidade. Um grande edificio nunca se construiu sem n'elle entrarem ao lado das pedras grandes as *pedrinhas*, ao lado das obras d'arte a simples argamassa. Um insignificante prego segura um quadro, boccadinhos de ferro e d'aço em bruto ligam peças de importancia assignalada. E sem esse conjuncto, repetimos, não ha maneira de construir nem grandes nem pequenos edificios, de levar avante *qualquer obra*.

Nada de *acanhamentos*, que ninguem tem razão para se acanhar. Que venham todos, que todos teem dentro da Liga, e por egual honroso e util, o seu logar.

* * *

Lisboa, 13—1—1920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Desejando-lhe muita saude e felicidades, permita-me que tome a liberdade de lhe pedir a fineza de me destinar um papel qualquer na Liga de Educação Nacional, caso o meu humilde prestimo lhe possa servir para alguma coisa. Não lhe enviei ha mais tempo a minha humilde adesão, porque supunha que só eram admitidos os mimens intelectuaes em condições de poderem honistrar instrução e educação a quem precisa dela. E é tanta gente a precisa-la... Como lê-se no ultimo numero do seu jornal que lhe mandem nomes, que pobres e ricos todos terão o seu papel a desempenhar, eis a razão porque lhe envio a minha humilde adesão. Egualmente lhe envio a do sr. Manuel Augusto Bebeano, um assinante do seu jornal, empregado publico, e grande admirador de V. Ex.ª. A seu pedido, queira tambem contar com ele para um papel que possa desempenhar. Ele, é um moço, na flor da vida; eu, sou um velho com 61 anos, velho republicano, cujas doutrinas me calaram na alma, difundidas por V. Ex.ª, Elias Garcia, Manuel de Arriaga, Rodrigues de Freitas, Magalhães Lima, José Falcão, Latino Coelho e tantos outros cujos nomes não é preciso mencionar. Na escola destes illustres apostolos e nas sublimes doutrinas espargidas pelo seu jornal, é que eu aprendi e tomei luzes desse Ideal sagrado que me abriu o espirito. Mal pensava eu que ao sacrificar-me para ver implantada a Republica no nosso paiz, os seus dirigentes nos conduziriam a esta desgraçada situação! Por isso, Ex.mo Sr., eu faço votos pela nobre iniciativa de V. Ex.ª e do Ex.mo Sr. Oliveira Cabral, e oxalá que o fructo que dela brotar, seja abençoado e em breve sirva para a regeneração desta nossa sociedade!

Admiradores de V. Ex.ª, queira aceitar as nossas modestas adesões, pois são de dois humildes portuguezes e sinceros patriotas.

Venancio da Silva Matos.
Manuel Augusto Bebeano.

* * *

Ex.mo Snr.

Exclusivamente pelo conhecimento que tenho da sua grande obra de desenvolvimento mental e fisico do nosso soldado, emquanto oficial em Vizeu, e pelo denodo com que sempre defendeu a verdade e a justiça, ha muito que me tornei pelas nobilissimas qualidades de V. Ex.ª um verdadeiro fanatico.

Se ainda até hoje não aderi á ideia do sr. Cabral, foi por V. Ex.ª ter contrariado a ideia do partido e eu crer que á Liga só deveriam aderir criaturas que a um bom caracter aliassem uma vasta ilustração com facilidade em falar e escrever. Como pelo ultimo numero de *O De Aveiro* vejo que não é assim, queira aceitar mais esta adesão, tão humilde quanto sincera, desinteressada e expontanea. De V. Ex.ª só quero duas coisas:—a continuação do combate á crapula e á mentira e que, dentro em pouco, faça rolar no cadafalso a cabeça de todos os bandidos da raça do Rosa.

Conquanto não haja nada que me prenda á quadrilha onde impera o Rosa e quejandos, de que me afasto, devo dizer-lhe que fui sempre democratico e continuarei a sê-lo, por ver na democracia a melhor forma de governo, e que é com os democraticos genuinos que V. Ex.ª se ha de encontrar nos momentos criticos.

Continue seguindo a linha que desde ha muito traçou e fique certo que em mim, como em muitos outros, terá um defensor acérrimo das suas nobres qualidades, mesmo com o risco da propria vida e ainda que a maioria dos pulhas a quem tenho exaltado a elevada obra de V. Ex.ª, continuem a responder-me que V. Ex.ª é é um impostor, um pantomineiro, ou se calem com aquele ar de desdem, correspondente aos epitetos de tolo e parvo com que os biltres deste país costumam mimosear os homens honestos e trabalhadores.

Perdoando-me esta estopada, creia-me, com subida consideração e absoluto respeito

De V. Ex.ª
mt.º at.º vnd. e obr.º
Castro Daire, 14—1—920.

Abilio de Azevedo Cunha.

* * *

Ex.mo Sr. Homem Christo

Leitor assiduo do seu conceituado jornal, de que sou assinante, tenho visto, com prazer, ir crescendo, dia a dia, a lista dos nomes dos patriotas que aderem á iniciativa do sr. Oliveira Cabral. E' o despertar duma raça que se deixou adormecer á sombra das palavras que colheu outrora! E' Portugal que revive ancioso de liberdade e independencia!

E ainda bem, sr. Homem Christo, que nem tudo está perdido. Iniciativa de genio, ideia nobre, cheia de patriotismo e boas intenções, não podia deixar de calar bem no ânimo de todos os portuguezes que bem amam a sua terra, tanto mais que V. Ex.ª, perfilhando-a, deu a essa ideia tada a força incutindo toda a confiança. Que essa campanha, essa santa cruzada continue e que breve faça sentir os seus efeitos, são os meus votos mais ardentes e sinceros. E se da Liga de Educação Nacional devem só fazer parte aqueles para quem o amôr da Patria e da Republica é um dever, o mais sagrado e indeclinavel, eu, julgando-me em minha consciencia, penso poder fazer parte da mesma Liga, que será, creio, a salvação de tudo isto e contribuirá certamente para o rejuvenescimento da nossa querida Pátria. Considere-me V. Ex.ª no numero dos mais humildes mas tambem no dos mais sinceros. Nunca pertenci a nenhuma agremiação politica, nunca militei em nenhum partido. Por isso, se V. Ex.ª mo consentir, entrarei na Liga de Educação Nacional completamente livre para livremente lhe poder ser util como é meu desejo.

De V. Ex.ª
Criado respeitador e admirador sincero
CELORICO DA BEIRA, 14
de janeiro de 1920

Antonio Vaz—professor.

* * *

Ill.mo e Ex.mo Senhor

Junto envio a V. Ex.ª cincoenta centavos para a subscrição do monumento a erigir no cemiterio de Frossos, ao malogrado cabo republicano que ali foi morto pelos inimigos da Patria.

Envio tambem a minha adesão incondicional á Liga de Educação Nacional, cujo primeiro artigo de programa foi o artigo de fundo saido no ultimo numero de *O de Aveiro*. Todos os meus aplausos são poucos para esse artigo onde V. Ex.ª põe a pú as mazelas da rua portugueza.

Na França, onde ao serviço da Patria eu permaneci dois anos, não se nota nada esse espectaculo indecente da nossa rua; não se ouve um improperio sequer, quanto mais uma obscenidade a uma mulher francesa. E veja o conceito que por ahi se faz d'ela! Muito bem educadinha e muito ilustrada e tida como a mais immoral do mundo.

Pois eu desejava que a mulher portugueza assim fosse. E quem sabe, talvez se consiga.

De V. Ex.ª
Mt.º Att.º Vnd. e Obrg.
Manuel de Oliveira,
factor de 2.ª da C. P.

AVEIRO, 16-1-920.

Diz muito bem e vê-se que é um bom observador: ou a mulher francêsa ou a nossa! Que differença de educação! Aquella mulher francêsa alem de tudo economica, administrando admiravelmente a sua casa, boa esposa e boa mãe, e, comtudo, tida geralmente por *desmoralizada*!

Então que quer?

Então na differença da rua nem se fala. Esta rua portuguêsa é d'uma *bestialidade* incomparavel.

* * *

Ex.mo Senhor

Como humilde cabouqueiro, empenhado na luta ás trevas, de todo o meu coração me associo á Liga de Educação Nacional, sonhando nela a alavanca milagrosa da elevação moral da gente portuguesa.

S. Felix—S. Pedro do Sul, 15—1—920.

Manuel F. Meirelo de Figueiredo.
(Professor oficial)

* * *

Joaquim Sequeira

Sem conhecermos pessoalmente o sr. Joaquim Sequeira, temos visto por cartas anteriores que é um patriota, um dedicadissimo republicano e um homem intelligente e sensato. E apesar da sua modestia, aqui já tem tratado, n'este periodico, *questões publicas*, com muito bons conhecimentos e idéas.

Seja bemvindo á *Liga de Educação Nacional.*

Lisboa, 14—1—920.

Ex.mo Sr. Homem Christo—Aveiro

O artigo de V. Ex.ª, no ultimo numero de *O De Aveiro*, deixou-me inteiramente convencido de que se torna urgente levar a cabo a organisação da Liga de Educação Nacional. Não sou um intellectual. Sou um homem de trabalho e que pelo trabalho triunfou. Em 1893, tendo abandonado o logar de amanuense de fazenda que exercia em Taboaço, resolvi emigrar para o Brazil. Ali, durante 26 anos, luctei e sofri, mas nunca olvidei a Patria, nem deixei de sentir as suas desventuras. Em 1894, um ano depois da minha chegada ao Rio de Janeiro, inscrevi-me como socio no Centro Republicano Portuguez, onde me foi dado travar relações com o Capitão Leitão e o Alferes Malheiros, hoje coronel. Pouco tempo depois, os meus correligionarios sufragavam o meu humilde nome para secretario, logar que exerci até que o Centro se dissolveu. Mais tarde, com o honrado e distincto republicano dr. Antonio Luiz Gomes, Rodrigues de Sousa, velho e intemerato republicano, já falecido, Oliveira Fonseca, Alves de Oliveira e outros, fundamos o «Grupo Republicano Pró Patria.» Esta agremiação que não tinha séde e reunia ora aqui, ora ali, pois que tambem no Rio os monarquicos portugueses hostilisavam com encarniçamento os adversarios das instituições vigentes, em Portugal, tinha por principal escópo auxiliar monetariamente a propaganda republicana no nosso paiz. De facto, algumas remessas se fizeram e a mim, como secretario, acumulando tambem, ao mesmo tempo, as funções de tesoureiro, se dirigiu o sr. dr. Antonio José de Almeida, então secretario do Directorio. Depois, o Grupo R. P. Patria transformou-se no Gremio Republicano Portuguez, de cuja primeira direcção fiz parte, como vice-presidente. Estes esclarecimentos pouco interesse podem ter para V. Ex.ª, e veem a proposito da minha declaração, no inicio desta carta, não ser eu um intelectual, mas apenas um homem de trabalho. Sendo assim, pouco poderei fazer para que a Liga de Educação Nacional venha a exercer, rapidamente, uma influencia regeneradora nesta depauperada e corrupta sociedade portugueza. Educar, educar, mais que instruir, eis o unico caminho a trilhar para regenerar esta patria que se afunda. Mas a lucta vai ser tremenda! Porque os Nunes, os Francos e os Dias da Silva são uma legião imensa! Emfim, o nosso dever de patriotas está a indicar-nos o caminho. Ou transigir com os malandros e os tartufos, que são, ao mesmo tempo, traidores e vendidos, ou assistir, cobardemente, vilmente, ao desmoronar desta patria gloriosa.

Ou com eles, para a perdição de Portugal, ou contra eles, com os olhos postos no futuro! Pois é contra esses vendilhões da Patria, tubarões sem honra nem vergonha, que teremos de partir em guerra aberta, dizendo aos homens de bem o que eles são e o que valem. A lucta vai ser aspera. Vencer a grande legião de malandros que enfesta a sociedade portugueza, ha de ser difícil, na verdade, mas como a sua força provem da fraqueza dos homens de bem, a sua derrota é certa, inevitavel.

Rogo, pois, a V. Ex.ª a fineza de inscrever o meu humilde nome na lista dos patriotas que estão dispostos a cooperar para a organisação da «Liga de Educação Nacional.»

Dignar-se-ha V. Ex.ª relevar-me a extensão d'esta carta e no mais, creia-me com a mais subida estima e consideração

De V. Ex.ª
At.o vnd. e obg.º
Joaquim A. C. Sequeira.

* * *

LISBOA, 15-1-1920.
R. de 1.º de Dezembro, 15.

Ex.mo Sr. Homem Christo.
Aveiro.

Com interesse tenho acompanhado as campanhas do seu apreciado jornal e, em especial, a campanha patriotica para a formação da «Liga de Educação Nacional».

Na qualidade de modesto empregado no commercio e sincero republicano, cooperador da revolução de 5 de Outubro, bem como do 28 de Janeiro de 1916 e, sem ligação partidaria, dou a minha adhesão á «Liga de Educação Nacional», que V. Ex.ª fundou, com o aplauso unanime dos sinceros e leaes republicanos. Sou leitor do seu incansavel jornal ha annos, mas, de hoje em deante, queira considerar-me seu assignante, podendo sacar pelo correio a importancia referente a um semestre que immediatamente será satisfeita.

Com toda a consideração sou

De V. Ex.ª
Att.º Vnd.
Antonio G. S. Mascarenhas.

* * *

LISBOA, 17 de janeiro de 1920
Rua do Bemformoso, 264-2.º

Ex.mo Sr. Homem Christo

Republicano desde os 20 anos tenho hoje 57, nunca pedi o mais pequeno favor a politico nenhum, nem espero pedir seja a quem fôr.

Vivo do meu trabalho livre de qualquer compromisso politico, desiludido completamente da politica.

Tenho uma enorme esperança na Liga de Educação Nacional, porque vejo com a puoca inteligencia que tenho que só com a educação nacional, isto é, com a educação publica, se poderá salvar esta pobre patria.

Confiando no grande talento de V. Ex.ª, na sua energia, na sua experiencia dos homens e das cousas e na inquebrantavel força de vontade e enorme patriotismo, porque é um verdadeiro portuguez.

Confiando tambem em muitas adesões de homens ilustres que conheço ha muito como homens de bem, não posso deixar de os acompanhar n'essa santa cruzada, pronto a trabalhar em tudo que as minhas forças me permitam, sem desalento, para ver se dias mais felizes podem viver os portugueses bem dignos de melhor sorte.

Rogo-lhe a subida fineza de me inscrever na Liga de Educação Nacional, não como elemento valioso, pois sou quasi um analfabeto, mas com uma grande força de vontade para trabalhar com sinceridade empregando todo o meu esforço para bem servir o meu paiz.

De V. Ex.ª
Att.o Vnd. e Obg.o
Manuel de Jesus Pintasilgo.

* * *

Eduardo Arvins

Em 1881, sendo nós alferes do exercito, fomos accusado de ter fundado em Aveiro, embora á socapa, um centro republicano. Era verdade. Foi alli na Rua do Alfena, em casa do Joaquim Férrador, que, de noite, discursámos aos neophitos reunidos. O Joaquim, pae do João Augusto Fernandes, cuja adhesão ainda no ultimo numero festejámos, espreitava, não viessem *os esbirros*. Mas elles logo tiveram conhecimento do caso, e um, dennunciando-nos, mandou uma carta anonyma para o ministerio da guerra. Embora a carta fosse anonyma, e o ministerio da guerra não tivesse obtido confirmação plena do que n'ella se narrava, baixou ordem ao commando militar de Aveiro que nos fizesse sahir de aqui, onde estavamos no uso de licença da junta. Era arbitraria a ordem, pois a licença fora-nos concedida para gosar em *ares patrios*. Mas... que remedio senão obedecer! E depois, o ministerio da guerra era *condescendente*. Tirando Aveiro, permittiam-n'os que gosassemos o resto da licença onde mais nos conviesse. E assim eu comecei, aos 21 annos, a ser... judeu errante da politica!

A ordem de expulsão abrangia o soldado Manuel Antonio de Abreu, tambem republicano, que permaneceu até hoje nosso leal e dedicadissimo amigo e que dá hoje, á Liga, a sua adhesão.

Fomos os dois... para onde? Para uma aldeia encantadora, d'este districto, mas a muitos kilometros d'Aveiro, Sever do Vouga, onde nos hospedamos em casa do tambem republicano, e já n'esse tempo *velho republicano*, Eduardo Arvins, que nos recebeu e tratou bizarramente. E' d'esse velho e talentoso companheiro e amigo, porque era e é um homem culto e de talento, a carta seguinte.

A ineffavel ternura com que a lemos! E as saudades d'esse tempo venturoso!

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Meu velho e prezadissimo amigo.

Remeto dois escudos para pagar a minha assignatura, a contar de 1 do corrente. Se for necessario augmentar o preço da assignatura estou pronto a satisfazer esse augmento, porque é preciso que *O de Aveiro* continue a publicar-se com a *mesma orientação*. E' uma necessidade nacional.

Emquanto á *Educação Nacional* estou d'alma e coração com V. Ex.ª e com os que o acompanham. Ha muito tempo que estou convencido que só se póde salvar o paiz transformando os costumes e isso só se pode conseguir pela educação. Infelizmente para mim quasi nada poderei fazer, pois já entrei nos 70 anos. V. Ex.ª, porém, ainda póde dispender esforço tenaz e energia inteligente pelo menos durante 10 annos.

Oxalá venha a ser o Clemenceau de Portugal.

De V. Ex.ª

Admirador entusiasta e amigo gratissimo pelos serviços prestados e que prestará á patria portugueza.

Sever do Vouga, 17-1-920.

Eduardo Arvins.

* * *

PORTO, 11-1-920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Vou tendo receio de me tornar massador a V. Ex.ª, porque reconheço que o tempo lhe deve escassear para outras urgencias de serviço pelo que peço me releve mais esta massada, visto não poder deixar de dar-lha, pois que, alem de estar plenamente de acordo com a doutrina de V. Ex.ª, quero tambem filiar-me na Liga de Educação Nacional, considerando que é o primeiro passo para regenerar os nossos costumes, para esse effeito e ainda em obediencia a um recente artigo publicado por V. Ex.ª no qual dizia ser preciso conhecermo-nos, venho afirmar a V. Ex.ª que sou republicano por ideal desde tenra edade, e, assim, bem novo comecei a sofrer as con-

sequencias, pois em 1908 paguei o primeiro tributo com a prisão e 70 e tantos mil reis que me foram roubados no tribunal. Depois de proclamada a Republica o bandido que me prendeu foi reformado, como ainda agora vem sucedendo aos inimigos da Patria e da Republica. (São reformados). Tenho aqui perto um desses que mesmo depois de reformado ainda lhe vieram augmentar 15$00 e sempre que pode dá a sua facada na Republica.

Eu fui condenado por falta de respeito á auctoridade; foi uma patifaria, já se sabe, preparada, e houve dois garotos ensinados para que confirmassem a garotice do esbirro. Pois, Sr. Homem Christo, um dos garotos é hoje pessoa grada na mesa da Republica, mercê de muitas hostias que papou na capella da Cruz das Regateiras. Fui nomeado regedor substituto desta freguezia de Paranhos, logar que me custou cinco tostões de sellos para tomar posse e bastante trabalho tive sem remuneração alguma, e, como sou dos republicanos que pensam como sua ex.ª o sr. coronel Bandeira, sim, não engulo tudo por bom que certos pulhas que se intitulam republicanos querem fazer engulir, fui bestialmente demitido e quasi metido na cadeia, isto segundo tributo de andar de carabina ao hombro no 14 de Maio, a defender a gamela de certos bacoros.

Veio o Dezembrismo e lá fui parar ao Aljube. Tudo isto, Sr. Homem Christo, creio que unicamente por ser patriota e portanto não comungar no credo dos traidores. Até hoje nunca pedi favor algum politico nem jámais o farei. A ambição unica que possuo é ver o nosso paiz bem governado. Não possuo habilitações e desta maneira pretendo entrar como discipulo, ficando incondicionalmente ao dispor de V. Ex.ª

Am.º at.º vnd.

João Ferreira Coelho.

* * *

Ex.mo Sr.

Conforme a minha carta, publicada no *O De Aveiro*, adhiro á Liga de Educação Nacional, filiando-me n'um partido que tenha V. Ex.ª como chefe.

A minha morada é Rua Alexandre Herculano 47 Porto, e é n'esta, que eu recebo o vosso jornal. Estou sempre ancioso pelos sabados. V. Ex.ª já adivinha, que é n'este dia que eu leio *O De Aveiro*.

De V. Ex.ª

Porto, 13—1—920.

Alberto Gonçalves Almeida.

* * *

Sargentos

Que sejam bemvindos. Podem prestar um relevantissimo serviço, pelo seu contacto com o soldado, á causa da Educação Nacional. Um generoso e patriotico papel desempenharão n'esse sentido, se quizerem.

Aveiro, 19 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Embora não conheçamos V. Ex.ª pessoalmente, os seus artigos cheios de verdade, insertos no jornal que V. Ex.ª mui proficientemente dirige, são mais que suficientes para que em volta de V. Ex.ª se juntem aqueles que comunguem das mesmas idéas. Por esta razão nós vimos pedir-lhe nos conte no numero dos soldados da «Liga de Educação Nacional», dignando-se reservar-nos lugar na extrema esquerda da *formatura*, pois que nada mais temos a recomendar-nos que não seja um pouco de patriotismo e uma extrema dedicação pela República.

Temos dois desejos, alêm do de que resultem profícuos os designios de V. Ex.ª: Que á nossa classe seja feita a justiça a que fez juz pela sua patriotica atitude na nossa intervenção na guerra e na defesa da República, e que aqueles que conduziram a Lisboa, em 19 de Janeiro de 1917, o batalhão de Infantaria 34, aquartelado em Santarêm, sejam devidamente recompensados.

De V. Ex.ª
At.os Ven.res Obg.dos

Cesário Tavares Coelho
1.º Sargento da 3.ª Comp. do R. I. 24.

Amilcar Baptista Ribeiro
1.º Sargento da 3.ª Comp. do R. I. 24.

* * *

Rebordondo—Chaves, 12 de Janeiro de 1920.

Meu grande Amigo
e director espiritual

Confesso-me ignorante e de gramatica nem patavina pois não m'a ensinaram.

Só os seus comentarios á grandiosa ideia da fundação do nucleo de Educação Nacional em receber no seu seio todos os letrados ou ignorantes me obrigam a massá-lo.

Eu tenho 54 anos, leio o seu jornal ha 30 anos apezar de ser novo assinante pode contar com o meu incondicional apoio.

Fui militar dez anos de cavalaria, nunca perdi o rumo do grande propagandista da instrução H. Christo.

Republicano e Patriota ajudei a elevar Antonio Granjo. Hoje sou um descrente de certos homens.

Junto remeto 1:000 reis para a lapide ou monumento do soldado morto no Vouga, martir da republica e desta desditosa Patria tão minha amada.

José Maria Candido.
(assinante n.º 1170-169).

* * *

Lisboa, 12 de Janeiro de 920.

Ex.mo Sr. Francisco Manuel H. Christo.
Aveiro

Sou um assiduo leitor de *O De Aveiro* e tenho acompanhado com o interesse que em mim despertam as cousas nobres e altruistas, tudo quanto no seu benemerito jornal se tem escrito acerca da «Liga de Educação Nacional».

Pouco dado a exibicionismos, não estou filiado em partido nenhum.

Se V. entende que de alguma cousa pode servir a inclusão do meu nome na lista dos aderentes da referida Liga, deixo-lhe inteira e completa liberdade de o fazer.

E' preciso, sr. Homem Christo, e V. melhor do que eu o sabe, fazer uma intensa propaganda por meio do livro e do jornal e necessario se torna que *O De Aveiro* se publique ao menos duas vezes por semana. E' claro, que não deve ser V., o eterno sacrificado, quem deve arcar com todos os sacrificios monetarios que isso necessariamente acarreta. Para isso, propunha que cada socio da Liga se quotisasse com uma certa e determinada importancia que V., segundo o seu criterio arbitraria e que, estou certo, nenhum patriota digno desse nome se recusaria a pagar, atendendo ao fim a que se destina.

Pouco ou nada viria afectar o nosso orçamento particular porque, para isso, bastar-nos-hia deixar de ser socio de um ou dois clubs onde a gente julga que se diverte, mas onde geralmente vamos para sermos *cravados*, pagando *dois* a este, *tres* áquele e *um* aquel'outro...

Começamos assim a combater o alcoolismo, que tão funestas consequencias traz á humanidade e que no nosso paiz tanto se tem generalisado como muito bem e eloquentemente V. o demonstra no artigo de fundo do ultimo numero do seu jornal.

Por intermedio do seu jornal que eu irei lendo emquanto tiver forças para ganhar um *palaco*, eu irei vendo o que sobre este momentoso assunto se resolver.

De V. Ex.ª
At. Ven. e Obrg.
Arnaldo da Costa Gomes.
R. do Ouro 149-2.º

* * *

QUINTA DO CRASTO—Pedreira.
Felgueiras, 20 de janeiro de 1920

Ex.mo Sr. Homem Christo.)

Não tenho a honra de conhecer a pessoa de V. Ex.ª. Sou um pequeno proprietario que nada pode fazer pela nossa patria. Sou republicano desde sempre; nunca entrei em politica, mas sempre que seja preciso tenho posto a minha vida que não hesito em sacrificar em defeza da Patria e da Republica.

Como disse, sou um rude lavrador que não tem que lhe oferecer senão uma boa vontade de bem servir a minha Patria e a nossa querida Republica. Sou assiduo leitor de *O de Aveiro* que para mim vale mais que todos os jornaes que se publicam em Portugal; pena é que seja semanal e não diario. Se isso fosse possivel não hesitaria em o pagar por qualquer preço.

Termino pedindo desculpa de lhe tomar tempo, que não pode perder, e dizendo-lhe que adhiro incondicionalmente a qualquer agrupamento de que V. Ex.ª seja chefe.

De V. Ex.ª
Admirador e creado
José Martins da Fonseca.

* * *

Ex.mo Sr. Homem Christo

O Manuel Antonio d'Abreu não falta, Sr. Homem Christo; está sempre presente para todas as iniciativas patrioticas como são as de V. Ex.ª.

No entanto o meu valor ou auxilio reputo-o tão diminuto, que por modestia não tinha ido já enfileirar o meu nome ao lado de outros, alguns brilhantes e de valor com que V. Ex.ª já conta. De mais a nossa velha amizade auctoriza V. Ex.ª a contar antecipadamente com este humilde soldado. E' muito para agradecer a grata referencia que V. Ex.ª fez ao humilde e dedicado amigo.

De V. Ex.ª
Mt.º att.º vnd. obgd.
Manuel Antonio d'Abreu.

CARCAVELOS.
19 de janeiro de 1920

* * *

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Queira ter a bondade de me inscrever na lista dos patriotas que de toda a parte tem acorrido, para a Liga de Educação Nacional.

De V. Ex.ª
Um Admirador At.º e Obg.º
Antonio Dias.

Celorico da Beira — Açôres, 21-1-920.

* * *

Lisboa. 21 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Snr.

Satisfazendo á referencia de V. Ex.ª, tem esta o fim especial de apresentar-lhe a minha incondicional adesão á Liga de Educação Nacional a que V. Ex.ª tão dignamente preside.

Com a maior consideração,

De V. Ex.ª
Respeitador dedicado,
Victorino Ferreira Coelho
(Assignante 253).

* * *

Arrifana-Feira, 20-1-920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Tendo enviado para V. Ex.ª uma carta no dia 7 do corrente, dando a minha adhesão á «Liga de Educação Nacional», rogo mais uma vez a V. Ex.ª para me inscrever no numero dos adherentes.

De V. Ex.ª
Muito At. e Ven.
Bruno Pereira Cardoso.

Não recebemos a carta anterior a que se refere.

* * *

Ill.mo Snr. Dr. Caldeira Queiroz.

Velhos admiradores das altas qualidades intelectuais e morais de V. Ex.ª, seguindo sempre pelo caminho recto das doutrinas que prega, é-nos sumamente grato manifestarmos hoje a V. Ex.ª toda a nossa admiração e solidariedade, ingressando com honra e com orgulho na «Liga de Educação Nacional». Nada somos, nada valemos, mas desligamo-nos com nausea da decadencia e do indiferentismo doentio em que grande parte da juventude de Portugal se definha e corrompe. O entusiasmo da nossa mocidade acolhe com amor o Ideal altissimo que conduz a «Liga da Educação Nacional». Futuros professores, esta circumstancia nos faz compreender mais nitidamente a altissima idéa de que V. Ex.ª e o ilustre português snr. Homem Christo, são os supremos epostolos, os apostolos da maior de todas as cauzas — a cauza da Patria!

Saudando V. Ex.ª, e rogando nos dê a honra de nos inscrever na «Liga da Educação Nacional», com a maior consideração nos subscrevemos,

Muito Ats. Venrs. e Obrs.

Joaquim Correia Vilela
Hugo Correia Pardal.

Castelo Branco.

Diz-nos o nosso illustre amigo dr. Caldeira Queiroz que nos enviou esta carta, que os signatarios são dois novos que já se teem affirmado como homens de valor, bons patriotas e republicanos.

* * *

Porto, 21—1—920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Sou um rapaz ainda. Vinte e dois anos só. Sou daqueles que entraram para as luctas politicas trazidos pela guerra e a quem o entusiasmo da guerra fez politicos. Tive ocasião de apreciar durante ela a tenacidade do seu espirito, o desassombro da sua campanha contra os inimigos da Patria, a larguesa dos seus conhecimentos e a profundidade do seu talento.

Sem ter até hoje comprometido o meu nome a nenhum agrupamento politico, embora durante a guerra me apelidassem de «democratico», venho hoje, cheio de entusiasmo, oferecer o meu apoucado prestimo á causa da Liga de Educação Nacional, convencido como estou de que ha de ser o povo o salvador da Patria, como sempre o tem sido do Republica.

Fomentar, pois, a sua cultura, orientar as suas acções, fazendo dar a todos os seus actos uma feição consciente e patriotica, é, quanto a mim, um dever de todos os bons portugueses.

Como um deles, cá me tem.

Desculpe-me V. Ex.ª a maçada e disponha do

De V. Ex.ª
At. Ven. e Obrg.
Nuno Henriques Verdial.
(Professor primario)

* * *

Dr. João de Deus Ramos

Eis a carta d'este nosso muito prezado amigo, a que no ultimo numero nos referimos.

Meu illustre amigo

Eu não sei de jornalista que se lhe compare, competindo no estudo dos mais variados assumptos, na clara e impressionante communicabilidade de linguagem, na argucia da critica, e nessa tão rara capacidade de exteriorisação como polemista, que ás vezes, por equivalencia, lembra Camillo.

Por isso mesmo entendo que o seu logar deve continuar a ser na tribuna do seu jornal. Desvia-lo d'ahi, obedecerá a qualquer intuito bem intencionado, mas parece-me que não é intelligente nem prático.

Na imprensa portugueza ninguem mais o substitue quando é preciso, por interesse nacional, tratar-se amplamente uma questão doutrinaria. Pois onde estão os jornalistas que sahem prender a curiosidade do publico, apostolando e desenvolvendo doutrina? Ondo estão?

E, no entanto, veja o meu illustre amigo que ha já muito em Portugal quem saiba apreciar a sua maneira de fazer jornalismo. Veja que a sua maior força de opinião, aquella que hoje lhe tributa enthusiastico aprêço, resultou precisamente não só das suas velhas tradições de pamphletario brilhante mas, como causa próxima, da maneira clara, eloquente, elevada e erudita com que soube ajudar o paiz a comprehender a necessidade da nossa intervenção na guerra. Foi o meu presado amigo — é este um facto incontestavel! — quem verdadeiramente definiu os motivos de ordem moral para a Nação, e o interesse, e o patriotismo, que nos devia levar a combater os allemães não só em Africa mas em França.

Eis porque á minha sensibilidade repugnou a razão de odio velho que moveu tanta gente, de tanta parte, contra a iniciativa da sua reintegração no exercito, homenagem que lhe era devida, alem de tudo, pelos seus altos serviços de jornalista na defesa da causa nacional.

E eis, tambem, porque discordei da tentativa de formação de um partido politico que se destinava a arrebatá-lo para a presidencia do conselho de ministros, tentativa de elevados propósitos, que o seu alto espirito soube arredar a tempo, criteriosamente.

Agora, porém, surge um novo emprehendimento, procurando envolver a sua personalidade: a creação da Liga de Educação Nacional (e aqui está o motivo d'esta carta). Tambem, pelas razões expostas, discordo da sua *immediata* organisação. Apresenta-se demasiadamente feita do seu nome, e precariamente dependente da sua pessoa.

Ora, a meu ver, no dia em que o meu illustre amigo junte muita gente de roda de si, essa gente — muito embora sem querer — tira-lhe a vista das coisas que o rodeiam, dos acontecimentos que surgirem. Quer dizer, os seus olhos não poderão ter o costumado alcance na visão dos interesses geraes e nacionaes.

Não, a Liga de Educação Nacional [e eu, para a minha obra de educador, tanto teria a lucrar com ella!) tem toda a razão de existir mas depois de uma mais demorada campanha no seu jornal, lido e apreciado por tantissimos admiradores. E' indispensavel que a Liga se organise como uma força que deriva da propria ideia. E é necessario que essa ideia se esclareça e se defina bem. Escreva o meu illustre amigo mais artigos doutrinarios, encarando o problema nos seus principaes aspectos; e escrevam tambem os seus collaboradores. Não se precipitem os organizadores da Liga, que o tempo e as circunstancias hão de favorecê-los. Assim, quando menos se espere, a Liga terá o seu momento propicio para ser então no paiz o grande e forte instrumento propulsor e moralisador que deve ser.

Antes, em vez da Liga de Educação Nacional, bastará que os seus actuaes adherentes constituam apenas, aqui e alem, pequenos nucleos de propaganda do seu brilhantissimo semanario — *O de Aveiro.*

E' esta a opinião, e este o voto

do seu amigo admirador
João de Deus Ramos.

LISBOA, 14 de janeiro
de 1920

P. S.— Esta carta tanto pode ser para o seu jornal, como simplesmente para me justificar, perante o meu amigo, de eu não ter até agora adherido á Liga de E. Nacional.

Um grande abraço.

J. de Deus.

A discordancia está em pouco, felizmente. O nosso prezado amigo, quanto á *Liga*, só discorda da sua **immediata** organização. Ora a verdade é que ella já devia estar organizada **ha muitos annos.** A *Liga* não vem cedo. A *Liga* vem tardissimo. N'esse ponto, d'utilidade e opportunidade, nunca houve para mim a menor duvida. A duvida era se isto seria povo para taes emprehendimentos. Era se haveria gente para a constituir. Creio perceber que é essa, ainda, no fundo, a duvida do dr. João de Deus. Pois porque é que elle pede que se escrevam sobre ella *artigos doutrinarios?* A Liga de Educação Nacional, diz o meu illustre e muito prezado amigo, **tem toda a razão d'existir,** *mas depois de uma mais demorada campanha no seu jornal.* E accrescenta adeante: «Escreva o meu illustre amigo mais artigos doutrinarios, encarando o problema nos seus principaes aspectos; e escrevam tambem os seus collaboradores». Quer dizer, o dr. João de Deus tem o legitimo receio de que a idéa da Liga não esteja ainda amadurecida. Será assim. Mas olhe que sem ella se fundar *nunca amadureceria.* O ella se ter fundado é que ha de fazer com que a idéa *amadureça.* O que é, de resto, a lei natural das coisas em tudo *quanto vive.*

As arvores nascem antes de dar fructo. E nunca são completos os seus primeiros fructos. As ideas nascem nas cabeças de poucos e só mais tarde se generalizam penetrando na cabeça de muitos. Todas as iniciativas e todas as emprezas, *de qualqner ordem*, são mais fracas no principio. Só se tornam fortes *pela associação* e pela propaganda da *idéa associadora*, isto é, da necessidade e conveniencia de se juntarem muitos para dar força á iniciativa.

O que havia aqui a recear era o *fiasco.* Pela idéa, que não pelas pessoas. Eu, por mim, nunca tive medo de *fiascos*, tomando fiasco por falta d'exito. Nunca me fez recuar a lembrança de que ficaria sosinho com uma idéa boa. Só os insignificantes sentem a sua vaidade amachucada por se verem isolados ou sosinhos. Porque não teem idéas de que *possam viver* nem saibam defender, porque não tiram a importancia e a força de si proprios, mas dos outros. Não succede, porem, o mesmo, quanto á idéa, muitas vezes. A falta de exito, num momento dado, pode-a tornar *impraticavel*, por melhor que ella seja. Mas a *Liga de Educação Nacional* não correu, felizmente, esse perigo. O receio do fiasco está afastado. Ao contrario, são muitas as adhesões que estão chegando e com um enthusiasmo que encanta e anima. E, sendo assim, a idéa segue o seu curso natural, o caminho que, em casos identicos, *em todo o mundo* tem seguido.

Diz o meu talentoso amigo que a Liga se apresenta *demasiadamente feita do meu nome.* Mas se eu tenho as qualidades que o meu prezado amigo me attribue, natural é que assim seja. Tome o *demasiadamente* á conta do nosso temperamento peninsular, do nosso feitio hyperbolico, da nossa falta d'educação publica, e verá que, no resto, succede o que nas mesmas circumstancias em toda a parte tem succedido. *De que se fez*, em França, a Liga do Ensino, *(Ligue de l'Enseignement]*, senão do nome de Jean Macé, seu fundador? João Macé foi o grande propagandista do ensino popular. Após essa propaganda fundou a *Liga do Ensino.* E a *Liga do Ensino*, emquanto não tomou força, viveu, *sobretudo*, do prestigio e da auctoridade do seu fundador. *De que se fez*, ainda em França, a Liga dos Patriotas, senão do nome de Paulo Déroulède, seu fundador? Essa *viveu tanto* d'esse nome que acompanhou Déroulède em todos os accidentes a que a politica o arrastou. A dissidencia que surgiu em 1888, morreu. O que subsistiu foi a forte, a enorme maioria, que Déroulède continuou a inspirar e a dirigir. Em 1889 foi supprimida. Quando voltou, em 1895, voltou com Paulo Déroulède a presidi-la. E seu presidente se manteve toda a vida.

De que se fez a celebre Liga Agraria Holandeza *(Land League)* [illegible] do nome de Parnell, como primeiro se tinha feito do nome de Davitt?

As associações ou sociedades d'esse typo, as Ligas d'essa natureza são sempre lançadas por um homem, e da sua auctoridade, do seu prestigio, da sua fé, do calor com que elle defende a *idéa-base* e d'outras qualidades que o distinguem, vivem ellas todas, em qualquer paiz do mundo, ao principio. São esses homens que as *põem a andar*, que lhes ensinam os passos, no inicio. Emfim, que as fortalecem e consolidam. Depois... dispensam-n'os. Vivem por si.

Pois elle havia maior opportunidade, melhor momento para lançar a *Liga de Educacão Nacional* do que este, em que tudo se dissolve na sociedade portuguêsa? Diz o meu amigo que *não nos precipitemos, que o tempo e as circumstancias hão de nos favorecer.* Se formos ao encontro d'ellas, sim, senhor. Se não formos, saltam por cima de *tudo*, arrasando *tudo.* Governar é saber prever. E mais vale prevenir do que remediar. O que eu receio é que já não seja tempo de prevenir coisa nenhuma. E' que a organização da Liga venha tarde, muito tarde, que não cedo.

Diz mais o meu amigo que *é indispensavel que a Liga se organize como uma força que deriva da propria idéa e que é necessário que essa idéa se esclareça e se defina bem.* Mas donde vem a *minha força*, como o meu prezado amigo reconhece ao falar da minha acção jornalistica durante a guerra, e admittindo, como o meu amigo pretende, que á Liga se apresenta *demasiadamente feita do meu nome*, mas donde vem a *minha força* senão de eu encarnar fiel e vivamente a idéa? E não é a idéa de *educação nacional* d'aquellas idéas, para todos, sabios e ignorantes, intelligentes e burros, tão facilmente comprehensiveis que por si proprias se esclarecem e definem?

Quanto á minha acção jornalistica, dirlhe-hei que é exactamente para a completar que a organização da Liga é precisa. Que importa eu convencer, se não estiverem congregadas e disciplinadas as forças convencidas? Que importa eu esclarecer, se continuarem inertes e passivas, em vez de *postas em acção*, as intelligencias por mim esclarecidas? Que importa eu aquecer, enthusiasmar, arrebatar os que me leem, se não canalizar esses enthusiasmos para um fim concreto e positivo? E consegue-se, sem um entendimento collectivo? O meu prezado amigo nega a força espantosa de um entendimento collectivo? Que valem as forças isoladas ao pé das forças congregadas? Que valem as forças que mutuamente se desconhecem comparadas com as forças que mutuamente se conhecem? E o valor do compromisso? Eu não conheço quem me lê, e quem me lê não me conhece a mim. Eu não tenho para com elles nenhumas obrigações e elles não teem nenhuma obrigação para commigo. Mas o caso é outro, muito outro, desde que entre nós se estabeleça um compromisso. Augmenta a força em nós todos, augmenta o dever, augmenta a responsabilidade, augmenta a coragem e o estimulo.

Teme o dr. João de Deus Ramos que eu afrouxe na minha acção jornalistica. Mas é precisamente o contrario, meu caro amigo! No proprio interesse da Liga! Nem podia arranjar *melhor pretexto* quem me quizesse ver acceso na propaganda jornalistica? Pois se eu agora tenho mil problemas a tratar, mil propagandas a iniciar, mil questões a que attender?

Quanto ao receio de muita gente em volta de mim me tirar a *vista das coisas e dos acontecimentos que surgirem*, descance, que não corro esse perigo. Oh, não, meu amigo. Ou eu não seria quem os senhores dizem! Não. Tenho a cabeça muito rija.

Um armazem de escandalos

Chaves, 4.

Caminho de ferro

Em vez de se concluir o projecto primitivo do caminho de ferro, o que melhor atende aos altos interesses desta terra, o unico indicado e aprovado pelos technicos, cuja conclusão não levará mais de seis mezes; continua interrompido e a dar-se credito ao ganancioso mandão de Chaves, ex aferidor de pesos e medidas de nenhum valor real que pretende a variante!

A vergonhosa negociata da variante de nenhuma utilidade publica, que só obedece ao interesse pessoal, cuja revogação de ha muito importa, está revoltando indignadamente os animos flavienses!

Essa monstruosidade que ninguem acredita seja sancionada, obrigaria a um dispendio de mais de cem contos e impediria por mais de quatro anos, a chegada aqui da via acelerada, o que não pode ser! Independente disso afastaria a linha e a estação local em sentido oposto aquele que é conveniente!

Urge pôr termo ao ignobil escandalo em que tambem está empenhada a presidencia da Camara, que tendo condenado o abominavel imbroglio, está agora para fazer o jogo da patifaria, a esbanjar desalmadamente os recursos municipaes destruindo ao mesmo tempo dependencias de cavalaria 6!

Chaves tem precisão de que a tomem a serio e da imediata conclusão do caminho de ferro que melhor sirva os interesses do comercio, da população local e regional que é o projecto primitivo.

Não pode estar á mercê dos caprichos pessoaes do regulo, creatura das mais perniciosas e mais criminosas destes sitios, nem dos seus apaniguados submissos na descarada bandalheira!

Ha mais de vinte anos que Chaves podia estar servida de caminho de ferro que continua detido ainda na estação Tamega!

Carrapata

Diz-se que na tesouraria de Finanças ha enormes fraudes, da responsabilidade dum dos tesoureiros, o Nicolau, porque naquela repartição ha dois tesoureiros.. ao facto das quaes fraudes está a proposito, a quem o primeiro pregou a partida de a não fazer nomear sem sucessor como lhe havia prometido e a que tinha direito.

O segundo tesoureiro foi nomeado recentemente por intermedio do primeiro ainda não de posse, porque o proposto não se presta a prestar contas sem o n.º 1 corresponder á promessa feita e *explicar-se* a respeito do mais que importa!...

Entre os trez ha cumplicação e um pronunciado despeito!

Uma sindicancia de chofre aquela repartição, suspendendo acto continuo os dois tesoureiros e o proposto, revelaria coisas sensacionaes!

Funcionalismo contrabandista

O Inspector escolar deste circulo recentemente nomeado, que adopta pelo menos quatro nomes, servindo-se do que melhor lhe convem, apanhado pela guarda fiscal na candonga do açúcar, espera o resultado do processo dirigido para Alfandega do Porto. A sua defesa alega que o açúcar apreendido podem ser restos dos fornecimentos antorisados pelo comando militar (açúcar, arroz, massas etc.,) por ocasião da traulitania ha quasi um ano!

Isso é falso, porque todos os fornecimentos de então foram liquidados!

A opinião publica afirma que o inspector escolar Durão, que veio substituir o republicano inspector Fortes, tem negociado importantes remessas por seu intermedio e por intermndio do senador Nicolau, tendo o antomovel da Electrica transportado numerosas sacas de Vilela Sêca para esta e de esta para o caminho de ferro!

Estamos a ver que apezar de tudo, os funcionarios contrabandistas, continuarão repimpados nos seus lugares sem mais aquela...

A Espanha absorve-nos tudo!

Contam-nos que na noite passada, atravessou a raia espanhola uma manada de 80 juntas de bois vinda do Minho!

Por vezes a guarda fiscal tem apreendido manadas de bois na raia, que se destinam a Espanha, mas os contrabandistas sempre munidos de guias, tornam improcedentes as apreensões para no dia seguinte proseguirem na introdução do gado na Galiza!

A guarda fiscal perdeu a vontade de fazer serviço de apreensões de gado por esse motivo.

Alguns, ao que corre, optam pela respectiva esportula e deixam correr...

Todos os dias passam á vista de toda a

gente manadas de bois e de carneiros, com direcção á raia, para seguirem para Espanha. O comboio do Minho e Douro, transporta diariamente numerosos bois que passam por Chaves e imediações com destino á fronteira!!!

Afirmam-nos que trinta trabalhadores de Outeiro Sêco, andaram empregados trez dias na semana finda, na passagem de lã e couros para Espanha!

Protecção descaradissima!

Tem estado detido em infantaria 19, um alferes dado apenas como desertor, embora tivesse andado na coluna dos trauliteiros como foi visto em Vila Pouca de Aguiar e depois em Espanha! Está optimamente instalado no quarto de inspecção do regimento! Por varias vezes tem sido visto á noite nas batotas e ultimamente num baile da alta sociedade frequentado por muitos oficiaes do exercito!!!

Um contraste

Um oficial transferido ha dias para infantaria 19, depois de outros castigos por desafecto ao regimen, durante a traulitania, recebeu imediatamente guia de marcha para outro corpo porque os oficiaes do 19 protestaram contra a sua colocação aqui.

Favoritismos revoltantes

A sindicancia ao Liceu, não passou de uma bambochata! O professor dr. José Luiz Ferreira, continua afastado e os professores contra quem ha fortes acusações continuam em exercicio!

Infeliz terra.

R.

Chamamos a attenção dos leitores para o que ahi se diz. Vejam o que se está passando com as subsistencias! Como *descarademente* passa tudo para Hespanha! E os pobres que arrebentem de fome.

Carta Aberta

aos ilustres senadores da Republica Portuguêsa

Ex.mos Srs.

O comité abaixo assinado, representando o sentir unanime de todos os membros do Grupo Civil de Defeza da Republica em Mirandela, vem muito respeitosamente expor ao alto criterio e esclarecida ponderação de V. Ex.as o seguinte:

Pelos relatos dos jornaes e pelos respectivos documentos oficiaes que ao tempo trataram do assunto, não desconhecem V. Ex.as a abnegada dedicação com que este Grupo defendeu a Republica contra a horda de incendiarios e assassinos, que a coberto da bandeira do extincto regimen assaltou esta vila praticando as maiores violencias e infamias, em que o incendio, o assassinato e o roubo foram os meios de acção dessa horda de bandidos.

Logo apoz a vitoria da Republica o general sr. Abel Hipolito tomou conhecimento, pessoalmente, dos factos aqui ocorridos, o que lhe fez exclamar que esta vila deveria ser cognominada de *A vila heroica* devido á dedicação e espirito de sacrificio que o Grupo Civil de Defesa da Republica, constituido por republicanos de Mirandela e Bragança evidenciou na defeza da sagrada causa da Liberdade da Patria.

Foi devido á resistencia quasi sobrehumana, que a horda trauliteira aqui encontrou, que determinou as selvagerias praticadas quando da tomada desta vila pelas forças monarquicas.

Os voluntarios civis deveram a sua vida a uma retirada verdadeiramente milagrosa e os seus haveres foram saqueados e algumas das suas casas incendiadas. Muitas familias de republicanos ficaram na mais absoluta miseria por terem defendido lealmente a Republica.

O projecto de Lei das indmnisações pendente do Senado, alem de representar o mais elementar espirito de justiça visa tambem a tirar os republicanos, que foram lançados na miseria pela horda trauliteira, da humilhante situação em que se encontram perante os inimigos do regimen cuja satisfação não terá limites se a sua vingança se tornar efectiva pela falta duma justa reparação.

Acontece tambem que os bravos e liaes defensores da Republica que aqui se bateram, como V. Ex.as por certo sabem, perderão o incentivo para continuar no futuro a defenderem um regimen que a eles os abandona como filhos espurios.

Veem portanto os signatarios pedir a V. Ex.as que praticando um ato de justiça que dignifique a Patria e a Republica, lhes não protelem nem entravem a aprovação do projecto de Lei relativo ás indemnisações pois que assim evitarão V. Ex.as o profundo desalento dos republicanos que ficaram na miseria por terem defendido a Republica, e a criminosa alegria dos incendiarios e ladrões que já presentemente andam em liberdade organisando novos «complots» contra a integridade do regimen.

Com o mais profundo respeito e consideração, em nome do Grupo Civil de Defeza da Republica de Mirandela, enviamos a V. Ex.as

Saude e Fraternidade

Mirandela, 16 de Janeiro de 1920.

(aa) *José Antonio de Moura Pegado*, engenheiro agronomo; *Carlos Pires*, comerciante; *José Joaquim de Carvalho Salazar*, advogado; *Simão Costa*, comerciante e administrador do concelho; *Rodrigo da Conceição Alves*, comerciante e proprietario; *Gabriel Pereira*, comerciante; *Alfredo Vaz*, comerciante.

25 de Janeiro

Os ultimos acontecimentos politicos alteraram o programa das festas de Aveiro, tirando-lhe o maior brilho. A excursão do Porto ficou reduzida a infimas proporções, como se vê do seguinte aviso, que encontramos no *Norte:*

A comissão organizadora desta excursão, em sua reunião de hontem, resolveu, em face da greve actual, que muito veio prejudicar os seus trabalhos, e em atenção á necessidade que todos os grupos defensores da ordem e da Republica têem de, neste momento, não abandonar o cumprimento dos deveres que contrairam, — pôr de parte a projectada romagem de saudação á heroica cidade do Vouga que, em janeiro do ano pretérito, num arranco de nobresa e patriotismo, proclamou invicto o pendão verde-rubro.

Por tais motivos não se realisa o anunciado comboio especial, tendo desta resolução sido já avisáda a Junta Aveirense de Defesa da Republica; apenas uma parte da comissão, que hontem mesmo depoz o seu mandato, e outros dedicados republicanos acompanharão, no comboio ordinario que parte ás 6-40 horas, o estimado republicano sr. Camilo de Oliveira que, no teatro daquela cidade e naquele dia, realisa uma conferencia sobre *O que foi o «reino da traulitania» no Porto.*

Por outro lado, a mudança ministerial não deu tempo a cumprir-se o programa primitivo, quanto á vinda de bandas e contigentes militares a Aveiro. De forma que as festas vão ser feitas em familia e á capucha, sendo inuteis os foguetes.

Eis o motivo por que não damos hoje o artigo que promettemos.

Anuncios

Administração do Concelho da Feira

COMUNICA-SE nos termos do decreto de 24 de Dezembro de 1892, com a devida autorisacão, que está aberto concurso decumental perante o Administrador deste concelho, pelo prazo de 30 dias para o provimento de lugar vago de Secretario da Administração, com vencimento de 500$00 alem dos emolumentos legais. Os concorrentes instruirão o seu requerimento com a certidão de idade, certificado do registo criminal, certidão de termo cumprido com a obrigação do serviço militar, atestado de bom comportamento, como determina o citado regulamento, digo citado decreto e com quaisquer outros que mostrem as suas habilitações e bom serviço em empregos publicos, e atestado de fidelidade ás instituições vigentes e acatamento ás leis da Republica.

Feira, 19 de Janeiro de 1920.

Eu Joaquim Gomes da Cruz, secretario interino o subscrevi:

O Administrador do Concelho

Julio Antonio Saraiva Caldeira Junior

TABACO

Chegou pacotes, cigarros e charutos

Casa da Costeira—Souto Rafolla

AVEIRO

Escritura social

Para os devidos efeitos se anuncia que por escritura publica de sete de janeiro, outorgada perante o notario da comarca de Aveiro, Dr. Adelino Simão Leal, entre o Dr. Alberto Souto, Alfredo Esteves, Antonio Henriques Maximo Junior, Companhia Aveirense e Navegação e Pesca, Inacio Marques da Cunha, João de Almeida, João da Cruz Bento, Henrique dos Santos Rato, Dr. José Vieira Gamelas, Livio da Silva Salgueiro, Luiz Mourão de Mendonça Corte Real, Manoel Barreiros de Macedo, Manoel Lopes da Silva Guimarães, Manoel Marques da Cunha, Pompeu da Costa Pereira, Antonio Maria Ferreira, como gerente da firma Brito & Companhia, João Campos da Silva Salgueiro, como gerente da firma Salgueiro & Filhos-Limitada, João José Trindade e Artur da Rocha Trindade, como gerentes da firma Trindade, Filhos, Mario do Sacramento Melo, como gerente da firma Elias Gonçalves Melo & Filho, todos de Aveiro com exclusão do ultimo que é de Ilhavo, se constituiu uma sociedade por quotas nas clausulas e condições seguintes:

1.ª

A sua denominação será «Banco Regional de Aveiro-Limitada», com séde nesta cidade, provisoriamente na rua Coimbra, e inicia hoje as suas operações.

2.ª

A sua duração é por tempo ilimitado.

3.ª

A dissolução da sociedade far-se ha pelas causas e nos termos da lei.

§ 1.º Além de aquelas importa a dissolução da presente sociedade a sua transformação em sociedade anonima de responsabilidade limitada, que se fará logo que haja a necessaria auctorisação do governo, já solicitada por quasi todos os outorgantes.

§ 2.º Feita a dissolução por esta causa, a sociedade não terá liquidação e os actuaes socios receberão em acções o valor integral das suas quotas e a nova sociedade, continuando as operações da anterior, ficará no pleno exercicio de todos os seus direitos.

4.ª

O objecto da sociedade é principalmente promover o progresso economico e financeiro da região, podendo para esse fim realisar as seguintes operações: a) negociar directa ou indirectamente em praças nacionaes ou estrangeiras letras de cambio, titulos de crédito, cheques, saques de qualquer ordem, cartas de crédito; fundos publicos, ouro e prata em moeda ou em barra, metaes e pedras preciosas; b) descontar ou redescontar letras ou quaesquer titulos de crédito ou efeitos comerciais; c) efectuar emprestimos directos ou por obrigações tomadas ás corporações distritais ou municipais, e bem assim a particulares ou por meio de hipotecas ou por conta corrente caucionada, ou ainda sobre penhores de papeis de credito, ouro, prata e pedras preciosas, navios, veiculos ou outros mobiliarios de valor comercial, industrial ou agricola; d) aceitar depositos á ordem ou a prazo; e) abrir contas de depositos limitados, em circumstancias especiaes, com juros superiores ao do deposito geral e ordinario, restrito a certas categorias de pessoas com caracter de economia domestica cujas entradas terão os limites minimo de dez centavos e maximo de dez escudos, pertencendo á gerencia a regulamentação destes depositos e a designação dos dias de entrada, mas ficando desde já estabelecido que nenhum poderá exceder nem mesmo pelos juros acumulados a quantia de mil escudos; f) guardar valores sob a forma de depositos mediante certa taxa ou comissão que egualmente a gerencia regulamentará; g) proceder á cobrança, liquidação ou administração de heranças, bens ou negocios de conta alheia dentro ou fóra do territorio da República; h) comprar ou vender valores agricolas ou industriais; i) vender á comissão, por conta de terceiros, quaesquer generos ou valores ou recebelos em consignação; j) fomentar, facilitar ou tomar interesse no comercio de importação ou exportação de mercadorias; k) promover o inicio ou o desenvolvimento de industrias ou emprezas comerciaes singulares ou colectivas, organisando-as, colaborando na sua constituição, gerencia e administração, participando no seu capital, transformando-as, comanditando-as ou transacionando com elas por qualquer forma legal; l) fazer cobranças, pagamentos ou transferencias de fundos ou de numerario; m) conceder creditos em praças nacionaes ou extrangeiras; n) fazer reportes ou quaesquer outras operações admitidas nas leis e na pratica comercial e bancaria; e finalmente; o) servir de camara de compensação dos creditos e debitos dos seus clientes quando entenda e possa faze-lo.

5.ª

O capital social é de quinhentos mil escudos, em quotas desiguaes, tendo cada um dos socios entrado já com cincoenta por cento da quota respectiva, que todas elas foram subscritas em dinheiro.

6.ª

Estas quotas são: Uma de sessenta e cinco contos pertencente ao outorgante Antonio Henriqnes Maximo Junior; uma de quarenta contos a cada um dos outorgantes Brito & Companhia, Elias Gonçalves de Melo & Filho e Livio da Silva Salgueiro; uma de cincoenta contos ao outorgante João da Cruz Bento; uma de vinte contos a cada um dos outorgantes Alberto Souto, Alfredo Esteves, Companhia Aveirense de Navegação e Pesca, Inacio Marques da Cunha, Henrique dos Santos Rato, José Vieira Gamelas, Luiz Mourão de Mendonça Corte Real, Manoel Barreiros de Macedo, Manoel Marques da Cunha, Pompeu da Costa Pereira, Salgueiro & Filhos-Limitada, e Trindade Filhos; uma de quinze contos para o outorgante Manoel Lopes da Silva Guimarães e uma de dez contos para o outorgante João de Almeida, todas como se disse no valor de quinhentos confos e em nnmero de dezenove.

7.ª

Este capital pode ser elevado ao dobro se o desenvolvimento dos negocios da sociedade assim o exigir e assim o deliberar a assembleia geral, e então o aumento far-se-há por meio de prestações suplementares cujo maximo será egual á quota de cada um dos socios.

8.ª

Quer a entrada deste aumento de capital quer do resto que falta para pagamento integral das atuaes quotas será chamado por deliberação da gerencia, cumpridas as formalidades a que se refere a clausula anterior no caso de aumento de capital, e feito o aviso a cada socio a entrada far-se-há no prazo de trinta dias.

9.ª

A gerencia da sociedade compete a tres dos socios que servirão por um trienio, são eleitos pela assembleia geral e podem ser reeleitos.

§ unico—Cada um dos gerentes prestará caução de dois mil escudos que se fará por hipoteca ou por deposito de papeis de credito ou numerario. Sendo em dinheiro vencerá o juro regulamentar do deposito a prazo.

10.ª

Haverá um conselho fiscal tambem composto por tres socios, e egualmente eleito e pelo mesmo tempo com as atribuições que lhe confere o artigo cento e setenta e seis do codigo comercial e que pode ser reeleito.

11.ª

No caso de impedimento de qualquer dos membros da gerencia ou do conselho fiscal a substituição será feita pela assembleia geral.

12.ª

Cada um dos gerentes vencerá a remuneração mensal de duzentos escudos e cada vogal do conselho fiscal a quantia de dez escudos por sessão a que assista ou por dia de trabalho de fiscalisação.

13.ª

Os gerentes assignarão sempre em maioria os actos e contratos em que tenham de intervir.

14.ª

A cessão e divisão das quotas e ainda a cessão de parte de uma quota a favor de um associado como a divisão de quotas por herdeiros de socios, só terão logar quando autorisadas pela sociedade que se reserva em todo o caso o direito de preferencia.

15.ª

Adopta-se como ano social o ano civil.

16.ª

Os lucros liquidos de todas as despezas e encargos sociaes, separada a percentagem para fundo de reserva, que será de cinco por cento, e mais a percentagem de dez por cento para fundo especial de garantia aos descontos e emprestimos e operações de bolsa realisadas pela sociedade, serão divididos pelos socios na proporção de suas quotas. § unico—O fundo de reserva será egual a metade do capital social. Este fundo embora seja completado alguma vez será reentegrado sempre que por qualquer razão se achar diminuido.

17.ª

A constituição e funcionamento da assembleia geral, a forma das deliberações sociaes e tudo o mais que nesta escritura se não acha especialmente regulado seguirá as disposições da lei de onze de abril de mil novecentos e um e mais legislação aplicada.

18.ª

Para o primeiro trienio que hoje começa mas que termina em trinta e um de dezembro de mil novecentos e vinte e dois e visto a disposição do artigo vinte e sete da lei de onze de abril de mil novecentos e um resolvem e consignam todos os outorgantes que a gerencia fique constituida pelos socios Antonio Henriques Maximo Junior, Alberto Souto e Livio da Silva Salgueiro e o conselho fiscal pelos socios Manoel Lopes da Silva Guimarães, Henrique dos Santos Rato e Pompeu da Costa Pereira.

Aveiro, 12 de Janeiro de 1920.

O notario,

Adelino Augusto Simão da Fonseca Leal.

Lusitano Brites

Consultor Juridico do Ministério do Trabalho

ADVOGADO

LISBOA—Chiado, 29 2.º D.

Bibliotecas e Arquivos

Director JULIO DANTAS

Publicação trimestral

Cada fasciculo de 80 paginas. . . 60$

Assinatura anual. . . . . 2$00

Pedidos á Biblioteca Nacional de Lisboa